

A COMUNIDADE-MOVIMENTO DO ESPAÇO ESCOLAR: UM RELATO DE VIVÊNCIAS NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SANTA HELENA, SANTA MARIA - RS

The community-movement of the school space: a report of experiences in Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena, Santa Maria - RS

La comunidad-movimiento del espacio escolar: un relato de experiencias en la Escuela Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena, Santa Maria - RS

Vitor Colleto dos Santos*
Natália Lampert Batista**

* Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – vitorcolleto@gmail.com

** Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – natilbatista3@gmail.com

Recebido em 13/07/2023. Aceito para publicação em 14/07/2024.
Versão online publicada em 02/12/2024 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Resumo:

O presente relato, apresentado inicialmente como avaliação da disciplina de “Vivências Pedagógicas II” (GCC 1087) do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria, dedica-se a discutir acerca dos resultados obtidos durante a inserção do acadêmico na realidade da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena, a fim de compreender as dinâmicas existentes na escola como um espaço de gestão, organização e educação ou, dito de outra forma, sua ‘comunidade-movimento’. Ademais, visa reconhecer a importância da disciplina para com a formação inicial de professores de Geografia, uma vez que coloca os sujeitos em formação em constante contato e trocas com a escola. Para tanto, a metodologia adotada nesse relato é a observação participante com o registro dos momentos de diálogo com os integrantes da comunidade escolar e a descrição de seu movimento e espaço, seguindo, também, de uma aplicação prática realizada pelo (futuro) professor almejando contribuir com a comunidade-movimento escolar.

Palavras-chave: Escola. Geografia. Ensino de Geografia. Formação de professores. Vivências pedagógicas.

Abstract:

This report, initially presented as an evaluation of the subject “Vivências Pedagógicas II” (GCC 1087) of the Geography course at of the Degree in Geography at the Federal University of Santa Maria, is dedicated to discussing the results obtained during the insertion of the academic in the reality of the Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena, in order to understand the existing dynamics in the school as a space for management, organization and education, or in other words, its 'community-movement'. Furthermore, it aims to recognize the importance of the discipline for the initial formation of Geography teachers, since it puts the subjects in formation in constant contact and exchanges with the school. Therefore, the methodology adopted in this report is participant observation with the recording of moments of dialogue with members of the school community and the description of its movement and space, also following a practical application carried out by the (future) teacher aiming to contribute with the community-school movement.

Keywords: School. Geography. Geography teaching. Teacher training. Pedagogical experiences.

Resumen:

Este informe, inicialmente presentado como evaluación de la asignatura “Vivências Pedagógicas II” (GCC 1087) de la Licenciatura en Geografía de la Universidad Federal de Santa María, está dedicado a discutir los resultados obtenidos durante la inserción del académico en la realidad de la Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena, con el fin de comprender la dinámica existente en la escuela como espacio de gestión, organización y formación, es decir, su 'movimiento comunitario'. Además, pretende reconocer la importancia de la disciplina para la formación inicial de profesores de Geografía, ya que pone a los sujetos en formación en constante contacto e intercambio con la escuela. Por lo tanto, la metodología adoptada en este informe es la observación participante con el registro de momentos de diálogo con miembros de la comunidad escolar y la descripción de su movimiento y espacio, también siguiendo una aplicación práctica realizada por el (futuro) docente con el objetivo de contribuir con el movimiento escuela-comunidad.

Palabras clave: Escuela. Geografía. Enseñanza de Geografía. Formación de profesores. Experiencias pedagógicas.

1. Introdução

Conhecer as diferentes nuances da produção do espaço, bem como seus usos, suas representações e suas contradições, é papel indispensável da Geografia e do profissional desta importante área de estudo acerca da organização espacial física e social. Da mesma forma, importa reconhecer a escola como parte desse espaço geográfico, plural e multifacetado, o qual reflete e influencia na sua produção e organização, sendo este reconhecimento trivial, sobretudo aos professores de Geografia, seja no contexto de formação inicial ou continuada.

Nesse ínterim, o presente trabalho, submetido para avaliação na disciplina de “Vivências Pedagógicas II” (GCC 1087), do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria, inicia-se. Com o intuito de se atender ao objetivo da referida disciplina, conforme previsto na versão de 2019 do currículo do curso, que é o de “[...] conhecer o funcionamento da escola, compreendendo os diferentes setores envolvidos na organização do processo escolar e as possibilidades de atuação e colaboração dos professores de Geografia neste contexto”, é que se empenha em analisar o funcionamento de uma escola no que tange às suas práticas de organização e gestão.

Desde já, informa-se que a escola contatada para a realização das práticas de observação participante e de intervenção no espaço escolar foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena (Santa Maria – RS), a qual será detalhadamente caracterizada na próxima seção do trabalho.

Por ora, evidencia-se o papel que a disciplina de “Vivências Pedagógicas II” impacta na formação do futuro professor de geografia, uma vez que contribui para o avanço de sua professoralidade. A professoralidade é entendida como um processo

dinâmico e que nunca cessa como enunciam Santana e Pereira (2019). Sendo assim, esses autores também discutem que:

[...] se formar professor é da ordem da parcimônia, da auto-observação, do silenciamento, da reflexão, um autêntico exercício de paciência e negociação que o sujeito faz, tendo a si mesmo como instrumento de transformação da prática que deseja produzir (Santana; Pereira, 2019, p. 6).

Ao passo que esse processo vai se constituindo em cada sujeito, a disciplina permite, também, que o docente em formação tenha a possibilidade de vivenciar a escola em campo. Diante disso, em uma rápida analogia em que se considera a escola enquanto um corpo entendido como o conjunto da comunidade escolar, a disciplina faz com que se tome conhecimento do corpo e das relações entre si que fazem a escola funcionar como um espaço de encontro, de conflitos, de contradições e de disputas como qualquer outro espaço geográfico, categoria tão crucial para a ciência geográfica.

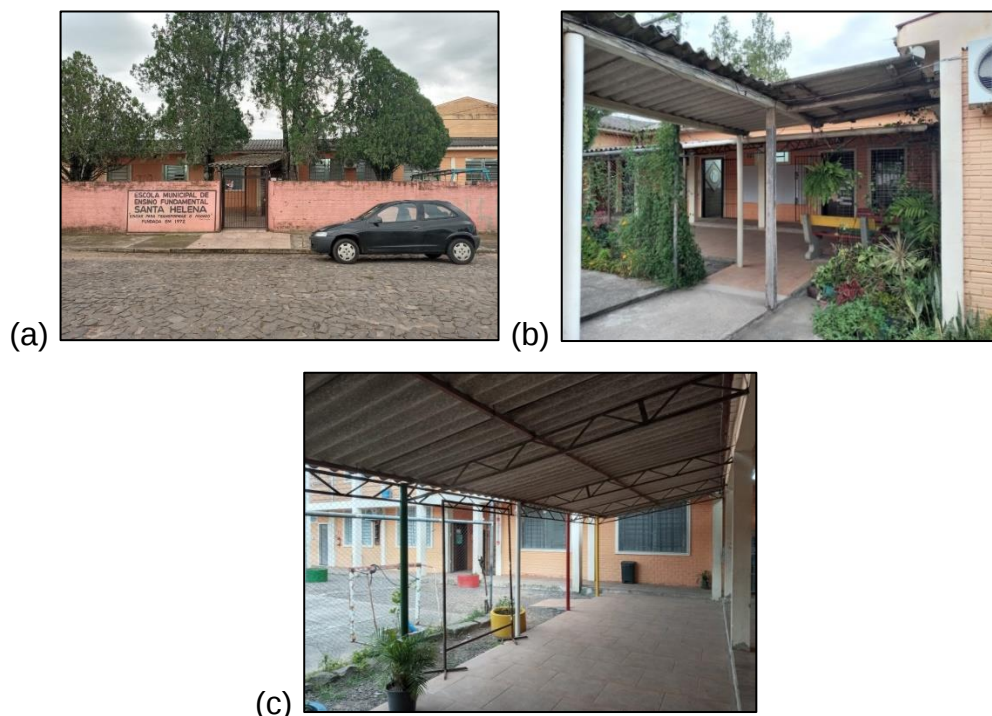
Sem mais, encaminha-se para a descrição da Escola Santa Helena e de sua realidade espacial adjacente, bem como a posterior orientação do procedimento metodológico adotado na prática de vivência realizada a ser descrita nos próximos tópicos do corrente relato.

2. Caracterização da Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) Santa Helena

Como mencionado na introdução, para que se entenda acerca do movimento costumeiramente enfrentado na escola por aqueles que integram o corpo escolar e de qual maneira tanto as práticas de organização quanto as práticas educativas contribuem (e se complementam) para a constituição desse espaço de relevância ímpar para a sociedade no andar de diferentes épocas, das antigas até as atuais, a escola contatada para a realização da prática de vivência foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) Santa Helena (Figura 01).

Figura 1 - A) Frente da Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) Santa

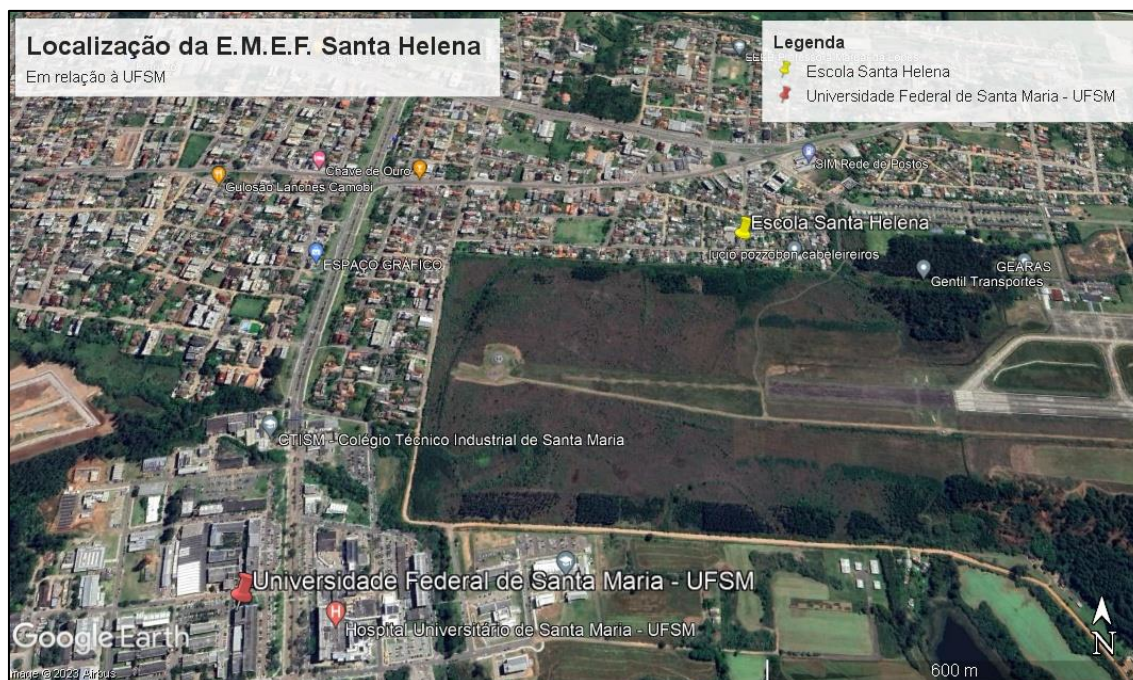
Helena; B) Acesso aos setores de gestão da Escola, bem como a sala de recursos do AEE (Atendimento Educacional Especializado), o laboratório de informática e a biblioteca; e C) Acesso às salas de aula da Escola.



Fonte: Registro do autor (2023).

A Escola Santa Helena está localizada no logradouro público que atende pelo nome de Rua Clemente Pinto, no bairro Camobi, no município de Santa Maria - RS (Figura 02). Ela atende um público de 191 alunos, sendo a maioria residente no mesmo bairro em que se localiza e com situação socioeconômica pertencente à classe média baixa, havendo alguns estudantes em situação de maior vulnerabilidade social matriculados regularmente na instituição. Como o próprio nome indica, é uma escola pertencente à rede municipal de ensino e que contempla o Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Finais) como nível de ensino da modalidade da Educação Básica.

Figura 2 - Localização da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena.



Fonte: Google Earth (2023, adaptado).

Sobre as características socioespaciais referentes à realidade em que a escola está inserida, vale destacar que, devido ao fato da mesma pertencer ao bairro Camobi no qual se situa o *campus*-sede da Universidade Federal de Santa Maria, a escola se encontra bem servida da maioria dos serviços urbanos básicos como rede elétrica, água tratada, saneamento básico e acesso à rede de internet.

No entanto, existem pontos que necessitam de uma maior atenção do Poder Público Municipal por estarem diretamente associados ao cotidiano daqueles que integram a escola em questão e da comunidade do entorno. Tais pontos seriam a ausência de asfaltamento nas ruas das imediações da escola, se restringindo as vias principais do bairro, as Faixas Velha (Avenida Prefeito Evandro Behr) e Nova (Rodovia BR-287), além da necessidade de a área ser melhor contemplada no âmbito do recolhimento de lixo e da limpeza urbana.

Voltando à Escola, esta conta com um total de 21 professores e possui, em sua estrutura administrativa, a Direção e a Vice Direção Escolar, a Coordenação Pedagógica, a Secretaria e o Apoio Administrativo e Círculo de Pais e Mestres (CPM). Além destes, conta com funcionários responsáveis pelos Serviços Gerais (infraestrutura, limpeza, merenda, segurança e entre outros) os quais, assim como os cargos anteriores, desempenham uma função de grande valia para com a formação educacional e cidadã dos estudantes. Por sua vez, sobre os professores da disciplina

de Geografia, a Escola Santa Helena possui dois profissionais, uma do gênero feminino, e outro do masculino. Há ainda duas professoras encarregadas do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Importa salientar que esses dados referem-se ao ano letivo de 2023 no qual se deu a execução da pesquisa.

Em relação à infraestrutura da escola, observou-se que há sala para coordenação pedagógica, dividindo o mesmo espaço físico com a sala dos professores; sala de recursos tipo 1 para o AEE e apoio pedagógico; secretaria que divide o espaço com a sala da direção e vice direção; sala e/ou laboratório de informática; biblioteca; banheiros (feminino e masculino); refeitório; cozinha e 07 salas de aula.

Recentemente, foi colocado portão eletrônico na entrada da escola para aumentar a segurança do corpo escolar, e a quadra da escola ainda não é coberta, sendo uma das principais demandas levantadas na vivência do graduando na instituição.

No geral, desde o primeiro momento de vivências na escola, foi possível observar uma positiva harmonia entre os setores que integram a escola, sendo bastante notável o diálogo e o livre trânsito dos profissionais de um setor com o outro. Tal constatação vai ao encontro do que José Carlos Libâneo, um dos expoentes da Pedagogia crítico-social dos conteúdos, escreveu em seu texto sobre as práticas de organização e gestão da escola, afirmando que:

[...] a escola é, também, um lugar de aprender a profissão docente de modo a que todos contribuam no aprimoramento das práticas de organização e gestão, levando a melhorar a aprendizagem dos alunos. Ou seja, a gestão da escola não é um problema apenas do diretor, do coordenador pedagógico, mas de todos os que trabalham na escola têm a ver com a gestão (Libâneo, 2015, p. 3).

Dessa maneira, todos da Escola Santa Helena têm a consciência da totalidade do corpo escolar e que, portanto, para que esse corpo funcione bem é preciso que o seu movimento seja o mais fluído possível.

Fluidez que pôde ser, satisfatoriamente, visualizada em campo e expressa nas conversas do graduando em Geografia com os profissionais da escola, sendo por isso justificada a escolha em retratar o cotidiano do espaço escolar observado através da expressão “comunidade-movimento” e que de certa forma tende a se aproximar da bibliografia revisitada, a exemplo do que se lê em: “a escola, enquanto instituição, é uma unidade social em que pessoas trabalham juntas [...] para alcançar determinados

objetivos e, especificamente, o de promover o ensino-aprendizagem dos alunos” (Libâneo, 2015, p. 3).

3. Metodologia

Bock, Furtado e Teixeira (1999, p. 24) apresentam que “[...] a ciência compõe-se de um conjunto de conhecimentos sobre fatos ou aspectos da realidade (objeto de estudo), expresso por meio de uma linguagem precisa e rigorosa”. Além disso, como também expressam os autores, os conhecimentos produzidos pela ciência são obtidos de maneira programada, sistemática e controlada sob um rigoroso método científico, para que seja possível a verificação de sua validade. O método científico é, então, o caminho pelo qual se busca trilhar para chegar a respostas ou a novas ideias sobre um determinado problema.

Nessa pesquisa, com vistas a atender o objetivo detalhado na introdução e parte da ementa da disciplina a que se versa como componente avaliativo, cujo valor é de extrema importância para a formação docente em Geografia face ao processo de “tornar-se professor”, a metodologia adotada nesse relato narrativo-descritivo acerca da vivência nos diferentes setores ligados ao funcionamento da escola é o método da observação participante acompanhado de roteiro de entrevistas e com registro em diário de campo.

O método da observação participante é descrito por Gil (2008, p. 103) e consiste na:

[...] observação ativa e participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou situação determinada. O observador assume em certo ponto o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo (Gil, 2008, p. 103).

Assim, durante a vivência realizada na Escola Santa Helena, buscou-se observar questões referentes aos setores de organização e gestão da escola, a fim de conhecer aspectos como o perfil de quem está à frente de cada cargo, quais as respectivas funções e a rotina e organização do trabalho e o entendimento da realidade escolar sob o ponto de vista de quem vive a escola no “chão da escola” cada qual em seu setor.

Para tanto, foi realizada a aplicação de roteiros de entrevistas, uma vez que,

também de acordo com Gil (2008), oferecem “[...] informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem, ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram”.

A saber, foi entrevistado um representante de cada setor organizacional da escola: a diretora, representando a Direção Escolar e setores associados; a secretária escolar; a coordenadora pedagógica e duas funcionárias responsáveis pelos serviços gerais. Outrossim, com o intuito de vislumbrar a aproximação que as práticas de gestão têm com as práticas educativas como disserta Libâneo (2015), fez-se contato com uma das duas professoras do Atendimento Educacional Especializado e ainda a observação de uma aula de Geografia na turma do 9º ano do Ensino Fundamental.

Assim, a partir dessas observações em campo em que se coletaram dados primários acerca da “comunidade-movimento” cotidiana do espaço escolar, foi possível estar a par do contexto de funcionamento da escola, bem como tomar nota das demandas e desafios impostos à instituição. O que foi de grande valia para que a intervenção ativa do graduando na realidade espacial da escola e contribuir com o que está ao seu alcance no que cinge a uma das demandas apresentadas e, conseqüentemente, tendendo a melhorar (ainda mais) o movimento percebido na escola.

Sobre a prática de intervenção realizada pelo professor em formação na escola contatada, ela ocorreu a partir da implantação da coleta seletiva de lixo na Escola Santa Helena; essa decisão originou-se do diálogo com os integrantes da escola e será detalhadamente descrita nas seções seguintes. No entanto, são apresentados desde já os procedimentos adotados na aplicação dessa proposta de intervenção (Quadro 01).

Quadro 1 – Planejamento de prática para implantação da coleta seletiva de lixo na

Escola Santa Helena.

PLANO DE ATIVIDADE – APLICAÇÃO PRÁTICA NO ESPAÇO ESCOLAR
1) DADOS GERAIS DA ATIVIDADE
a. Data: 15 de junho de 2023. b. Local: Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena. c. Duração: Para entrega e aplicação do material à Escola, a atividade desenvolveu-se em torno de 1 hora. Após, informa-se que os materiais disponibilizados pelo acadêmico em Geografia são perenes, ficando submetidos ao interesse da instituição em mantê-los ativos pelo tempo em que julgar necessário.
2) OBJETIVOS
a. Objetivo geral: Contribuir com a implantação da coleta seletiva do lixo gerado na Escola. b. Objetivos específicos: 1. Atuar junto ao setor dos serviços gerais da Escola, colaborando com o trabalho desempenhado pelas profissionais responsáveis pela limpeza da mesma; 2. Auxiliar na manutenção dos espaços de ensino-aprendizagem e de convivência de toda a comunidade escolar limpos e organizados; e 3. Fazer com que os alunos, professores e demais membros da comunidade escolar conheçam a importância de separar corretamente o lixo produzido e desenvolvam princípios de sustentabilidade ambiental e responsabilidade cidadã na prática diária de suas vidas.
3) DESENVOLVIMENTO DA APLICAÇÃO
a. Introdução: Primeiramente, foi feito o contato com a gestão escolar sobre a viabilidade do graduando se inserir ativamente na escola e aplicar a atividade pensada a partir de uma demanda dos serviços gerais da instituição. Após, foi contada o número de lixeiras disponíveis na escola e quantas delas devem ser destinadas para um determinado tipo de resíduo. Com o aval da gestão escolar para atender a demanda apresentada e realizada a contagem das lixeiras, o graduando confeccionou os adesivos e os panfletos para o uso escolar.

b. Desenvolvimento:

Em uma data acertada com a Escola, o graduando de Geografia fez a entrega dos adesivos da separação correta do lixo à gestão escolar e a colagem dos mesmos nas lixeiras disponíveis na escola junto ao pessoal dos serviços gerais. Além disso, foram produzidos cartazes explicativos para a comunidade escolar, promovendo a educação a respeito desse tema tão importante ambiental e socialmente falando.

c. Recursos Didáticos:

Os materiais utilizados na aplicação serão: adesivos com identificação para cada categoria de lixo gerado (a saber: reciclável, não-reciclável e orgânico) e cartazes contendo as informações necessárias para uma coleta seletiva de lixo eficiente e educativa. Informa-se que os materiais confeccionados e disponibilizados à escola foram organizados pelo graduando, sendo custeados pelo mesmo, ou seja, não havendo custos à instituição.

d. Avaliação:

A avaliação foi pensada em torno de uma metodologia qualitativa, conforme o engajamento da comunidade escolar com a aplicação proposta. Algum tempo após a introdução da coleta seletiva na escola, o graduando poderá fazer novamente contato com a gestão escolar e com os serviços gerais, a fim de receber “*feedbacks*” sobre como está funcionando a prática implementada no dia a dia da comunidade-movimento escolar.

Fonte: Elaboração própria (2023).

4. Relato de vivências: compreendendo a comunidade-movimento da Escola Santa Helena

Produto da sociedade, o espaço geográfico é uma categoria de fundamental importância para os estudos geográficos. Milton Santos define este espaço como sendo “[...] um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, entre sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único onde a história se dá” (Santos, 2013, p. 106).

Como descrito pelo geógrafo, esses “[...] sistemas de objetos e sistemas de ações interagem” (Santos, 2013, p. 106) de modo que um influencie na existência do outro, o que é pautado em uma relação dialética. Ou seja, pelo movimento entre os fixos e os fluxos que compõem algum determinado espaço geográfico. No atual meio técnico-científico-informacional, também discutido por Santos (2013), essas relações tornam-se a cada dia mais ágeis, estando em consonância com as modificações (re)produzidas na/pela sociedade.

Assim como o espaço em totalidade, a escola que é parte desse espaço vem a ser cada vez mais um lugar de interações marcadas também pelo movimento, já que é reflexo da sociedade. É esse movimento que faz com que a escola, enquanto um organismo de gestão e educação, produza “[...] mudanças no modo de pensar e agir das pessoas” (Libâneo, 2015, p. 2).

Nesse íterim, é que se torna necessário compreender a escola como lugar de movimento, da dialética, de uma ‘comunidade-movimento’, isto é, uma comunidade (de alunos, professores, diretores, vice-diretores, coordenadores, pais e responsáveis, funcionários da limpeza, merendeiros e entre outros) em um movimento, quase que unilateral, fazendo-a funcionar como um ambiente social que educa e que cumpre uma função primordial na socialização dos indivíduos que dela fazem parte.

A fim de que se entenda e se visualize a comunidade-movimento da Escola Santa Helena de forma mais proveitosa possível, o presente tópico do trabalho será subdividido em duas etapas: a primeira abordará o momento de diálogo do graduando com os trabalhadores dos diversos setores da escola, trazendo falas sobre a atuação dos mesmos e relacionando com a teoria e incluindo as observações na sala de aula de Geografia e no atendimento de necessidades especiais. Ademais, abordará pontos de intersecção entre cada uma das falas dos profissionais de modo que se consiga perceber a escola como uma única comunidade em movimento.

Já na segunda etapa serão colocados os principais desafios ao funcionamento da escola, bem como as demandas que se apresentam para os diferentes agentes. Com isso, espera-se apreender acerca do “caráter eminentemente pedagógico” (Libâneo, 2015, p. 15) das formas de organização e gestão da escola, demonstrando que toda a ação desenvolvida na estrutura escolar deve ter como fim um processo ensino-aprendizagem eficiente como disserta o autor supracitado.

5. Do diálogo com a comunidade-movimento escolar

Ao enunciar sobre a construção de relações democráticas de trabalho diante da constatação de que as relações de poder atravessam, também, o trabalho humano, Miguel Arroyo (1997) é enfático em afirmar que é preciso “[...] tornar as condições de trabalho mais humanas, mais dignas de seres humanos” (Arroyo, 1997 p. 66).

Pensando nessas condições de trabalho tornadas mais humanas de modo a verdadeiramente qualificar e educar os sujeitos que trabalham e trazendo essa

reflexão para o espaço escolar, sobretudo à Escola Santa Helena, essa “pedagogia das relações de trabalho” apresentada por Arroyo (1997) pode ser visualizada nas falas de diferentes profissionais que atuam na escola como na fala da Diretora.

Em resposta ao acadêmico sobre como é a relação da direção com os demais setores que fazem a escola funcionar, a Diretora diz que “[...] *há uma fala única. Na nossa escola, há um encaixe perfeito, todos estão engajados com tudo*”. De forma a assegurar esse discurso, a Coordenadora pedagógica afirma ver toda a escola atuando em conjunto como “*uma equipe*”, em suas palavras. A secretária escolar e as duas funcionárias responsáveis pela limpeza também compartilham da mesma percepção, destacando um ambiente de trabalho saudável.

Por ser saudável, esse ambiente escolar como espaço de gestão cumpre mais efetivamente a sua finalidade última que é educar, pois conforme sucinta Libâneo (2015, p. 3):

[...] uma escola bem-organizada e gerida é aquela que cria e assegura condições organizacionais, operacionais e pedagógico-didáticas para o bom desempenho de professores e alunos em sala de aula, de modo a se obter êxito nas aprendizagens (Libâneo, 2015, p. 3).

Nesse contexto, embora cada órgão de gestão da escola desempenhe uma função específica que contribui com a comunidade-movimento desse espaço, a escola vai se constituindo como um “lugar de aprendizagens” (Libâneo, 2015, p. 4). Isto não apenas pelos conhecimentos científicos transmitidos pelos professores de cada disciplina curricular aos alunos, mas também pelo cotidiano escolar o qual inclui as atividades de gestão e organização.

Acerca das atividades de gestão e organização, Libâneo (2015, p. 3) diz estarem ligadas:

[...] à estrutura de funcionamento, às formas de coordenação e gestão do trabalho, ao provimento e utilização dos recursos materiais e financeiros, aos procedimentos administrativos, às formas de relacionamento entre as pessoas (Libâneo, 2015, p. 3).

Dada essa importante conceituação, vale se debruçar sobre o que compete a cada cargo de gestão do espaço escolar, conforme as entrevistas com os profissionais da Escola Santa Helena, para que se possa compreender o fio condutor que coloca a escola em movimento.

Primeiramente, acerca da direção escolar, a Diretora da Escola Santa Helena conta que o seu papel “*está em todas as frentes*”, pontuando o fato de que “*se deve ter muita responsabilidade, principalmente para lidar com muita burocracia, por isso é*

um cargo que quase sempre ninguém quer assumir". A fala da Diretora quanto às funções desse cargo de gestão que exerce certa liderança no contexto escolar vai ao encontro do que fundamenta Libâneo (2015, p. 5) em "a gestão [...] faz a coordenação de pessoas, a distribuição de tarefas, o processo de tomada de decisões, as condições e modos pelos quais as decisões são postas em prática, visando atingir os objetivos".

Desse modo, para que esses objetivos sejam alcançados, é necessário haver boa comunicação entre os setores como mencionado anteriormente, o que ficou claro na fala da Diretora quando perguntada a respeito do momento em que ela intervém nas atividades dos alunos e até mesmo dos professores. Sobre isto, ela relata que *"[...] embora a direção tenha acesso a tudo, há na escola uma coordenação bastante atuante que é quem trata essas questões"*.

Assim como a profissional que atua como diretora há aproximadamente 18 anos na instituição (intercalando com a vice-direção), a Coordenadora pedagógica, por sua vez, está a 17 anos a frente desse cargo na escola parceira. Ela possui especialização em gestão escolar, sendo o principal requisito para desempenhar tais funções, embora o salário seja o mesmo de um professor somado a algumas gratificações. Em sua fala, a Coordenadora entrevistada diz que cabe a ela *"[...] todas as atividades pedagógicas (acompanhamento, planejamento, orientação, supervisão e entre outros), além da organização de diferentes eventos escolares como, por exemplo, reuniões pedagógicas, conselhos de classe e reuniões de pais"*.

Sobre a função desempenhada na Escola como coordenadora, ela ainda comenta que *"[...] é um trabalho diário e que envolve muito estudo, estudo que não se consegue realizar na escola, tem que ser feito em casa, porque é muito corrido e dinâmico"*. A Coordenadora define, portanto, sua função como um "elo" da escola, uma vez que tudo acaba recaindo sobre ela, desde a elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola (em conjunto com os professores) até a avaliação da qualidade dos conteúdos ensinados pelos professores a seus discentes.

Na Escola Santa Helena, a Coordenadora pedagógica também atua como membro do Círculo de Pais e Mestres (CPM), sendo mais um motivo que contribui para o vasto conhecimento da profissional acerca da realidade escolar e, inclusive, das dinâmicas da comunidade escolar e santa-mariense do entorno. Sobre o CPM, ela explica que cabe a administração dos recursos financeiros da escola, todavia

apenas do dinheiro que entra na escola por ações desenvolvidas por ele mesmo (venda de rifas e arrecadações em eventos, por exemplo) e cujos valores são utilizados para gastos emergenciais que não precisam ser orçados.

Por outro lado, os recursos financeiros recebidos por meio de verbas ficam a cargo da secretaria a qual, além de atuar no apoio administrativo, cumpre a função de ser o primeiro canal de comunicação da escola, realizando o *“atendimento aos alunos, professores e pais”* como coloca a Secretária da escola cujo ingresso se deu via concurso público. A Secretária escolar completa que, em sua rotina e organização do trabalho, atua *“[...] no xerox, na questão da documentação dos alunos tratando da matrícula, transferência e histórico escolar, além de auxiliar em serviços internos da instituição”*.

Outra vez, a Secretária destaca a colaboração que há entre os setores da escola em sua comunidade-movimento. Segundo ela, *“[...] não fico apenas na secretaria. Quando precisa, ajudo na cozinha e no refeitório, porque é um conjunto. Claro, tem vezes que não consigo sair da secretaria ou por questões que tem que ser com outro setor, como, prestação de contas e compra da merenda que são com a direção”*.

Segundo Libâneo (2015) é nesse sentido que a escola é vista como lugar de aprendizagem, de compartilhamento de saberes e experiências, ou seja, um espaço educativo que gera efeitos nas aprendizagens de professores e alunos (Libâneo, 2015, p. 5).

Sobre isto, os serviços gerais muito contribuem com a dinamicidade escolar por zelarem por aspectos que influenciam diretamente no processo de ensino-aprendizagem dos alunos como a questão da limpeza, alimentação e segurança.

Em entrevista ao graduando de Geografia, as duas trabalhadoras responsáveis pela limpeza da escola, uma ingressante via transferência e a outra através de concurso público, destacam o importante papel que desempenham, além do ambiente saudável de trabalho e da boa relação com os alunos e demais profissionais.

Uma das falas que, sem dúvidas, mais marcaram esse trabalho e que é didática para que se perceba a unidade da estrutura escolar foi a seguinte: “[...] *se as salas de aula não forem limpas, os alunos e professores têm aula no meio da sujeira*”, proferida por uma das trabalhadoras responsáveis pela limpeza, o que demonstra o entendimento de que a Escola Santa Helena é uma única comunidade que está em movimento graças à boa sinergia de todas as suas partes.

Diante dessa dinamicidade que coloca a comunidade da Escola Santa Helena em movimento, os processos ensino-aprendizagem ocorrem de maneira bastante positiva, sem muitos percalços, contribuindo com a qualidade do que é ensinado para os alunos tal como foi possível visualizar na participação do graduando em sala de aula.

Sobre a aula de Geografia observada em campo, a mesma ocorreu na turma do 9º ano do Ensino Fundamental em um período de aula anterior ao ‘recreio’. A aula em si ocorreu de maneira bastante fluída com a professora cumprindo com tudo que havia planejado para essa aula a qual tratava de revisar o conteúdo de “Globalização”, visto que havia uma avaliação que já estava marcada para a semana posterior à inserção graduando em sala.

Destaca-se que o momento de maior agitação da turma se deu na chegada da professora de Geografia à sala de aula, o que se justifica devido à troca de período, mas conforme a docente fazia os primeiros procedimentos da aula os alunos iam se acomodando cada qual em sua classe.

Outro ponto que vale salientar é a boa relação dos estudantes com a professora da disciplina, e a professora revelando ser bastante receptiva não apenas às dúvidas de seus alunos, mas também em interagir com os mesmos a respeito de outros assuntos paralelos à aula de Geografia – sempre respeitando o tempo destinado para cumprir as atividades propostas pela matéria em si. Um exemplo disso foi quando a professora passava no quadro algumas questões para os alunos responderem sobre os conteúdos de “Globalização”, “Capitalismo” e “Revoluções Industriais” até que uma aluna, ao ler a primeira pergunta sobre “O que é Globalização?”, afirma espontaneamente: “*Globalização é quando o planeta esquenta, professora!*”.

Percebendo que a aluna confundiu o conceito com outro, a docente aproveitou a expressão genuína e explicou para toda a classe o que se entende como sendo globalização e completou dizendo que o fato do Planeta Terra ficar mais quente pode ser encarado como uma das consequências negativas desse processo.

Esse foi apenas um dos exemplos que puderam ser visualizados pelo acadêmico na prática de vivências, houve outros como o diálogo que envolveu toda a turma sobre os espaços dos *shoppings centers* do município de Santa Maria que comprovam tanto a boa relação interpessoal professora – alunos quanto a ideia de que a escola “[...] é um lugar de aprender cultura, aprender a pensar, aprender a ser, aprender a compartilhar (Libâneo, 2015, p. 6).

Nota-se que, definitivamente, a escola é um lugar de encontros e como tal um todo que cumpre uma função educativa independentemente de qual setor se esteja analisando. Nesse contexto, as práticas educativas aparecem:

[...] nas relações entre direção e professores; modos de relacionamento dos professores e de funcionários com os alunos; no modo como a secretaria da escola atende aos pais e alunos; na distribuição da merenda escolar, na higiene da escola; nas reuniões pedagógicas; nas festas comemorativas (festa junina, festas cívicas, aniversários das professoras e outros da equipe) etc.; na entrada e saída dos alunos (exigências, por exemplo, de pontualidade, ordem, segurança, tolerância, respeito); no modo como se organizam os vários espaços da escola; [...] no tratamento das diferenças entre alunos (sociais, étnicas, de sexo, linguísticas, de crenças religiosas, econômicas etc.); nos símbolos que existem na escola: crucifixo, retrato do prefeito ou do governador, cartazes na sala de aula com cenas edificantes, enfeites, vasos com plantas (Libâneo, 2015, p. 6-7).

Essas práticas também vêm a se manifestar no Atendimento Educacional Especializado (AEE), seja na relação deste com os alunos atendidos pelo setor, seja em sua relação com os demais professores e alunos da instituição, ou ainda, na relação dos alunos da Educação Especial e Inclusiva com os outros integrantes da comunidade escolar. Em conversa com uma das professoras responsáveis pelo AEE, ela conta que, “[...] *na Escola, os alunos que necessitam desse atendimento são 10 ao todo e destes 7 alunos são dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, outros 3 são dos Anos Finais*”.

Sobre as necessidades especiais, a professora da Educação Especial conta que “[...] *predominam estudantes com Síndrome de Down e com diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista)*”, havendo na escola uma sala de recursos do tipo 1 como disposto legalmente. Também, explica que a matrícula desses estudantes é dupla, sendo o atendimento especializado realizado no contraturno da sala regular, e

aponta que o principal desafio em atuar nessa área ocorre porque 2 dos 3 alunos dos Anos Finais ainda não foram alfabetizados. Por isso, é preciso elaborar atividades que contribuam com o desenvolvimento cognitivo desses alunos e que cativem a sua atenção para as atividades, pois a maioria apresenta dificuldades de atenção.

Conhecido acerca da realidade e das funções de cada setor que constitui a comunidade-movimento da escola, bem como as suas aproximações que determinam a fluidez desse ambiente de gestão e educação, convém apresentar alguns desafios que colocam “pedras no caminho” ao funcionamento da escola, o que vai se discorrer na próxima seção do trabalho. Porém, não se quer simplesmente apontar as falhas no movimento e espaço escolar. Ao contrário, entendê-los para que se (re)conheça os problemas reais que a escola enfrenta com vistas a contribuir com possíveis soluções para tais.

6. Dos desafios à comunidade-movimento da Escola

Até o presente momento de elaboração desse trabalho, vislumbrou-se acerca do espaço escolar enquanto lugar de encontro, trocas, interações e aprendizagens. Porém, quem dera que fosse apenas isso que se manifestasse na prática. É preciso considerar, também, os desafios à comunidade-movimento desse espaço que, assim como qualquer outro, apresenta contradições e conflitos que de uma maneira ou de outra acabam por influenciar o seu dinamismo.

Os desafios que a(s) escola(s) enfrenta(m) na atualidade tornam-se urgentes de serem debatidos, uma vez que o Brasil vem convivendo com mudanças e/ou “reformas” no sistema educacional. Logo, são as escolas públicas as principais impactadas por esse processo. Tais alterações na estrutura educacional do País atendem claramente a uma ideologia, a qual é implementada e capitaneada, sobretudo, por grupos políticos conservadores e grandes corporações do mercado econômico a nível nacional e global.

Eis a Educação brasileira, especialmente o ensino de Geografia, sendo inserida dentro da lógica neoliberal. Sobre isto, Girotto (2017, p. 428) esclarece que:

[...] reforça uma perspectiva de organização da educação que visa legitimar um amplo processo de racionalidade técnico-burocrática, colocando no centro das decisões os conhecimentos vinculados aos especialistas competentes, vistos, portanto, como os únicos capazes de definir os princípios teóricos e metodológicos que devem reger o sistema educacional brasileiro (Girotto, 2017, p. 428).

É, portanto, essa racionalidade técnico-burocrática imposta pela tendência neoliberal que acaba por agravar e (muitas vezes provocar) os problemas educacionais do País, entre os quais se destacam a sobrecarga de trabalho dos profissionais da área e a consequente precarização e diminuição da qualidade do ensino.

Isso porque basicamente os ditos “especialistas” responsáveis por formularem as políticas públicas e os documentos norteadores são, em sua maioria, sujeitos que não conhecem a realidade enfrentada no chão da escola e que apenas as criam para atender os interesses de “eficiência” (e não de qualidade) dos grupos hegemônicos de poder.

Nesse ínterim, essa discrepância entre interesses neoliberais *versus* as reais necessidades que as escolas demandam acaba por se manifestar em um único lugar: na escola! Dessa forma, não é à toa que na Escola Santa Helena constatou-se que a maior parte das demandas apresentadas diz respeito à atuação (ou falta disso) por parte do Poder Público Municipal e da Secretaria Municipal de Educação por se tratar de uma escola municipal, o que pode ser expresso na seguinte fala da diretora: “[...] *(A prefeitura) tem livre acesso à escola, porém nem todas as demandas são atendidas por N’s questões. Ontem mesmo o prefeito estava aqui*”.

É possível inferir que, apesar de haver certo nível de aproximação da Escola com o Poder Público, existem barreiras que inibem uma ação incisiva que visa buscar soluções para os problemas vivenciados como a cobertura da quadra e demais melhorias na estrutura física.

Outrossim, se por parte dos cargos de gestão como a direção e vice-direção escolar, secretaria e coordenação pedagógica o que é encarado como o principal desafio são também as burocracias que têm que dar conta; por sua vez, pelo lado dos professores um dos entraves é a questão da carga horária, facilmente excedida e sobrecarregada seja por hora-aula ou hora-atividade tanto na escola quanto em casa. Questões que também podem ser entendidas como um sintoma dos efeitos de políticas neoliberais no ensino.

Diante desse cenário, Girotto (2017, p. 436) reconhece que:

[...] não se trata apenas de uma disputa no campo ideológico. O que estamos verificando com exemplos cada vez mais evidentes é um avanço dos diferentes processos de privatização da educação pública no Brasil [...]. Tal processo se materializa na força da indústria dos materiais didáticos (portais, livros, apostilas, equipamentos eletrônicos, sistemas de ensino e avaliação), nas contratações de consultorias, na entrega de parte das redes de ensino a gestão da iniciativa privada (Girotto, 2017, p. 436).

Além disso, convém abordar acerca dos desafios colocados à comunidade-movimento verificada na Escola, uma situação relatada pelas funcionárias dos serviços gerais. Em conversa com o acadêmico de Geografia, as profissionais contam que a maior dificuldade em seu trabalho diário é a não realização da coleta seletiva do lixo na escola. Em suas palavras, dizem que “[...] *já foi realizada em outras épocas, mas hoje não mais*”, coloca-se aí um ponto básico que envolve a gestão do espaço escolar e que impacta no cotidiano do processo ensino-aprendizagem dos alunos e da mesma forma com o trabalho dos agentes organizacionais da escola, pois “[...] não adianta querer humanizar o trabalhador se o espaço o desumaniza” (Arroyo, 1997, p. 65). É necessário criar cada vez mais condições humanas de trabalho e se acredita que isso começa pelo cuidado com o espaço.

Como as práticas de gestão também se inscrevem na seara das práticas educativas, não podendo se dissociar uma da outra, verificaram-se algumas demandas relativas ao setor do atendimento de necessidades especiais, onde a professora relatou que “[...] *é preciso criar a possibilidade de um ensino colaborativo em que haja maior aproximação do AEE com os demais professores da Escola*”.

Da necessidade de um ensino colaborativo, a professora do AEE explica que seria bastante relevante, pois “[...] *mesmo eu estando sempre conversando com os professores, eles fazem o seu planejamento quando estou em atendimento, então fica difícil acompanhar e adaptar materiais*”, além de pontuar que é preciso maior participação dos pais atuando conjuntamente ao trabalho do AEE.

Diante de todos esses desafios apresentados em diferentes setores da Escola, concorda-se novamente com Girotto (2017) sobre o que deve ser feito para a melhoria desses aspectos. Ele ressalta que:

[...] é preciso debater e lutar pelos investimentos necessários para que todas as escolas públicas no país tenham as condições materiais e humanas para garantir o acesso, a permanência e apropriação, por todos os estudantes, dos conteúdos e conhecimentos historicamente construídos. E isso significa ampliar o investimento por aluno, melhorar as condições de carreira e salários dos professores, garantir formação inicial e continuada articulada com a pesquisa e a produção de conhecimentos, ampliar o tempo de hora atividade, garantir a dedicação exclusiva do professor a uma escola, possibilitando assim um maior envolvimento do mesmo com a comunidade escolar (Giroto, 2017, p. 438).

Como consequência disso, acredita-se ser possível melhorar cada vez mais as aulas de Geografia ou de outro componente curricular e o aproveitamento dos alunos em relação aos conteúdos apreendidos em situação educativa. Assim, é por esse caminho que se atingirá a tão esperada educação pública e de qualidade para todos de forma ainda mais efetiva nas escolas.

7. Uma contribuição à comunidade-movimento escolar: a coleta seletiva de lixo na Escola

Após os momentos de conversa com os setores de gestão, organização e educação do espaço escolar, encontros que permitiram ao acadêmico de Geografia a possibilidade de vivenciar, mesmo que por pouco tempo, o dia a dia da comunidade-movimento da Escola Santa Helena. Chegara então a vez do professor em formação retribuir as aprendizagens que obteve com todos os agentes escolares e apresentar, dentro do que está ao seu alcance, uma contribuição que venha a qualificar ainda mais os ritmos percebidos nessa “comunidade escolar em movimento”, expressão que muito se utiliza e defende nesse texto.

Desse modo, a partir das entrevistas, sobretudo com as duas funcionárias responsáveis pela limpeza e manutenção da estrutura física da escola, decidiu-se atuar junto ao setor dos serviços gerais da instituição no sentido de contribuir com a implementação da coleta seletiva do lixo na Escola. Isso devido a uma das demandas levantadas pelo acadêmico foi a não realização da separação do lixo produzido nas lixeiras, o que acaba por dificultar o trabalho de quem atua no setor.

E assim se fez. Para tanto, antes da implementação efetiva da prática que visa a separação/destinação correta dos resíduos gerados na escola, que não consiste em somente colocar adesivos nas lixeiras ou espalhar lixeiras coloridas pela escola (Luz; Musolino, 2015), buscou-se obter novamente apoio dos setores de governança da escola como a direção e a coordenação pedagógica. Esse apoio se faz necessário,

porque “[...] nenhum programa duradouro de coleta seletiva de lixo se desenvolve se não houver apoio total e irrestrito” (Luz; Musolino, 2015, p. 4).

Ensejando obter esse apoio, o graduando apresentou o planejamento da atividade (exposto na metodologia) para a coordenadora a qual prontamente aceitou a proposta de intervenção em espaço escolar e autorizou o prosseguimento da atividade. Assim, o próximo passo foi “[...] conhecer a fundo o lixo que existe na escola” (Luz; Musolino, 2015, p. 5), sendo conversado com as funcionárias da limpeza.

A partir disso, ficou acertado que a coleta seletiva de lixo na escola seria adotada pela produção não apenas de adesivos¹ com os rótulos de lixo reciclável, não reciclável e orgânico, mas também, o que é ainda mais importante, a confecção de cartazes² com informações do que é considerado cada um desses resíduos, uma vez que essa prática de intervenção tem a função de ser, também, um instrumento de educação.

Com os materiais confeccionados, no dia 15 de junho de 2023, data igualmente acertada com a Escola, o graduando realiza a entrega destes, e a consequente implantação da coleta seletiva de lixo na Escola Santa Helena. Trata-se de uma ação memorável tanto para o acadêmico que pudera retribuir o que aprendeu com a instituição e avançar em seu processo de professoralidade quanto para a comunidade-movimento escolar, isto é, para todos que integram e interagem nessa comunidade, passando a colaborar com a limpeza e efetivar práticas de cidadania nos espaços nos quais frequentam.

A Figura 03 apresenta o resultado da intervenção do acadêmico de Geografia na escola, após a colagem de adesivos para separação correta do lixo e cartazes educativos que despertam a conscientização para a ação.

¹ O material encontra-se disponível em: https://www.canva.com/design/DAFIPaLZq-Y/gG1oK6D2bnFk_dKFQ_cYuQ/edit (adesivos).

² O material encontra-se disponível em: <https://www.canva.com/design/DAFIPWylQZY/XEFTNaaVCjzptBmC9NRPtQ/edit> (cartazes).

Figura 03 - Registro da coleta seletiva de lixo implementada na Escola Santa Helena.



Fonte: Registro do autor (2023).

Por fim, importa mencionar que a avaliação da atividade realizada será feita de maneira qualitativa ao passo que a própria comunidade escolar vai convivendo no dia a dia, ficando totalmente aberta às mudanças que a Escola julgar necessárias de se realizar para atender às novas demandas acerca do assunto. Outrossim, destaca-se que o acadêmico poderá entrar em contato com a instituição para receber “*feedbacks*” sobre como está acontecendo na prática.

Concorda-se, pois, com a apreensão de que “[...] nada adianta você ter todo o trabalho de planejamento, [...] se, depois da implantação, as pessoas que fazem parte da comunidade escolar não participarem e não separarem seus materiais para colocar nas lixeiras certas” (Luz; Musolino, 2015, p. 10).

Em resumo, trata-se de uma intervenção que, para funcionar, necessita do que muito se enfatizou ao longo desse texto sobre a característica que mais desponta na dinâmica do espaço escolar em questão: a unidade! A unidade de todos estarem cooperando com todos, para que se atinjam os objetivos previstos, desde os que dizem respeito à gestão e organização do espaço escolar até aquele que é a sua finalidade última, a tarefa de educar! Educar não apenas para com relação à apropriação teórica e intelectual, mas também prática e cidadã, educar o ser (ou os seres) para o mundo!

8. Considerações Finais

Diante de todas as práticas desenvolvidas no decorrer da disciplina de “Vivências Pedagógicas II” (GCC 1087), contadas no presente relato, conclui-se que a inserção do acadêmico no espaço escolar é de suma importância para a formação inicial do futuro professor de Geografia. Buscando conhecer as dinâmicas associadas à sua comunidade-movimento, bem como tendo a oportunidade de apresentar uma contribuição a esse espaço formativo e educativo em todos os seus setores e atividades, a atividade inscreve-se como mais um meio pelo qual o docente em formação vai adquirindo a oportunidade de vivenciar a escola no “chão da escola” antes mesmo de sua atuação efetiva em sala de aula. O que possibilita, assim, um maior contato com a experiência efetiva do que é ser professor e/ou de como é estar em sala de aula e a frente dos cargos de gestão da escola.

Ademais, se denota a possibilidade de pensar sobre a formação na escola e além da escola, como parte do processo de socialização e de constituição cidadã, revelando ser indispensável para o avanço nas reflexões a respeito de uma educação para a cidadania. Ou seja, uma vez inserido na escola na função de professor, possa aplicar com os estudantes as práticas que, através do pensamento espacial e do raciocínio geográfico, promovam a evolução cognitiva e cidadã e efetivem as práticas de cidadania engajada e emancipada.

9. Agradecimentos

Agradeço a recepção e oportunidade oferecida pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena (Santa Maria – RS) durante a realização das práticas de observação participante e de intervenção no espaço escolar, permitindo não apenas a conclusão satisfatória da disciplina de “Vivências Pedagógicas II (GCC 1087)”, mas também a compreensão, na prática, da denominada “comunidade-movimento” que permeia as diferentes funções que a escola desempenha para com a sua comunidade escolar e a sociedade como um todo. Sem dúvida alguma, mostrou-se bastante colaborativa no processo de formação inicial como (futuro) professor de Geografia. Agradeço, também, o Programa de Licenciaturas (Prolicen), da Universidade Federal de Santa Maria, pela bolsa concedida ao primeiro autor.

10. Referências

ARROYO, M. Pedagogia das relações de trabalho. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte. n. 2, ago./dez., 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8785>. Acesso em: 20 de mai. 2023.

BATISTA, N. L; DAVID, C; FELTRIN, T. Formação de professores de Geografia no Brasil: considerações sobre políticas de formação docente e currículo escolar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 23, p. e13, 2019.

BATISTA, N. L.; RIZZATTI, M. **O ensino de geografia na contemporaneidade: práticas e desafios**. 1. ed. Rio de Janeiro: Dictio Brasil, 2019. v. 1. 376p. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1-xl89qR-1kotc80sKxcM8CC4ffbfmdmqR/>. Acesso em: 20 de mai. 2023.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

ESCOL.AS. **Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) Santa Helena**. Disponível em: <https://www.escol.as/248715-santa-helena>. Acesso em: 20 de mai. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROTTTO, E. D. Dos PCNs a BNCC: o ensino de geografia sob o domínio neoliberal. **GeoUerj**, n. 30, 2017.

HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: NÓVOA, A. (Org). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Práticas de organização e gestão da escola: Objetivos e formas de funcionamento a serviço da aprendizagem de professores e alunos**. Secretaria Municipal de Educação de Cascavel (PR), fev. 2015. Disponível em: http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/11022015_jose_carlos_libaneo_i.pdf. Acesso em: 20 de mai. 2023.

MENEZES, V. S. Das vidas vividas às vidas contadas: O método (auto)biográfico na formação docente em Geografia. **Revista Metodologias e Aprendizado**, v. 04, p. 266-273, 2021. Disponível em: Acesso em: 20 de mai. 2023.

LUZ, A. M. D.; MUSOLINO, A. M. **Cartilha sobre a coleta seletiva nas escolas: Passo-a-passo**. Instituto GEA – Ética e Meio Ambiente. São Paulo, nov./2008. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ecco/Conteudo/CartilhaColetaSeletivaEscolas.pdf>. Acesso em: 03 de jun. 2023.

SANTANA, A. F. T.; PEREIRA, M. V. Da constituição da professoralidade ou como alguém se torna professor. REVELLI – **Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, v. 11, 2019. Dossiê: Inovação, Tecnologias e práticas docentes. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/9475>. Acesso em: 20 de mai. 2023.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço e Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Ementa e cronograma da GCC 1087 – Vivências Pedagógicas II**. 2019. Disponível em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/documento.html?id=1404722>. Acesso em: 20 de mai. 2023.